

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Carla Aparecida Leite

O PAPEL DA REESCRITA NA QUALIDADE DO TEXTO.

Belo Horizonte

2010

Carla Aparecida Leite

O PAPEL DA REESCRITA NA QUALIDADE DO TEXTO.

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): Clenice Griffó

Belo Horizonte

2010

Carla Aparecida Leite

O PAPEL DA REESCRITA NA QUALIDADE DO TEXTO.

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): Clenice Griffó

Aprovado em 11 de dezembro de 2010

BANCA EXAMINADORA

Clenice Griffó

Faculdade de Educação da UFMG

Nome orientador

Gilcinei Teodoro Carvalho

Faculdade de Educação da UFMG

Nome do Convidado

RESUMO

O presente trabalho exemplifica e analisa a importância e as determinantes influências que a reescrita pode ocasionar na qualidade das produções de textos dos alunos; bem como algumas formas estratégicas de trabalhá-la.

O trabalho visa também problematizar a tendência que vários educadores têm de achar que apenas o educando que apresenta alguma 'dificuldade de aprendizagem' necessita de orientações e atendimento individualizado. O caso do aluno Jésus, abordado no trabalho, mostra-nos como um educando considerado um dos 'melhores alunos da escola' (melhores conceitos, inclusive nas avaliações sistêmicas) só conseguiu perceber e corrigir as inadequações de seus textos a partir de orientações individualizadas.

Contudo, as experiências com os alunos aqui pontuadas nos possibilitam ressaltar a importância da prática da reescrita, enquanto recurso metodológico e didático, a fim de oferecer aos aprendizes condições de aperfeiçoarem cada vez mais no uso da Língua Portuguesa (letramento), sendo capazes de produzir 'bons textos'. Entendo como 'bom texto' aquele que é legível, compreensível, escrito de acordo com gênero e tipo de texto trabalhado e solicitado; coerente (sentido), coeso (interligação das idéias) e criativo.

Palavras-chave: produção de texto / mediação / orientação / avaliação / auto-correção / reescrita / orientação diferenciada / atendimento individualizado / aluno-autor / letramento.

SUMÁRIO

1. JUSTIFICATIVA	07
2. OBJETIVOS.....	12
3. ALGUMAS HIPÓTESES	14
4. METODOLOGIA	16
5. PERFIL DA ESCOLA, DA TURMA E DA PROFESSORA	18
6. ANÁLISE DOS DADOS	21
6.1. Escrever textos com liberdade, sem medos: condição para a prática da reescrita	21
6.2. CASO DA ALUNA CRISTINA: Atendimento individualizado para escrita/reflexão/reescrita: para a aluna aprender e apreender a base alfabética-ortográfica da língua portuguesa	23
6.3. CASO DO ALUNO JÉSUS: Reescrita a fim de reorganizar idéias, frases e espaçamentos de texto produzido, tornando-o legível, compreensível, coerente e coeso	37
6.4. Algumas maneiras de trabalhar a reescrita com os alunos	45
6.4.1- Análises e “Reescrita Coletiva” de um determinado texto	45
6.4.2- ‘Auto-Correção’ seguida de “Reescrita Independente”	46
6.4.3. Análise e Reescrita orientadas Individualmente	46

6.4.4- Reescrita orientada e facilitada por perguntas que evidenciam inadequações do texto.....	47
6.5. O papel da reescrita na vida dos educandos a médio e em longo prazo	49
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
8. REFERÊNCIA	53

1. JUSTIFICATIVA

No ambiente escolar, muito se ouve sobre a pouca habilidade e o baixo desejo dos educandos no que se refere à “produção de textos”. Será por quê? Por que várias pessoas, até mesmo estudantes, afirmam não gostarem ou não se considerarem capazes de produzirem ‘bons textos’¹? Crianças ou adultos não produzem por que têm medo, ou tem medo por que não produzem? Produzir bons textos é algo nato de algumas pessoas e famílias ou de determinados segmentos sociais, ou é algo que pode e deve ser ensinado e orientado nas escolas? A escrita de textos pode ser ensinada? Como e quando fazê-la? O que o professor precisa saber para orientar uma boa escrita de textos dos seus alunos?

Há umas três a quatro décadas como a “produção de textos” era trabalhada em sala de aula? Quais as lembranças, cenas, palavras e orientações dadas por professores, nos ocorrem quando falamos em tal assunto: “Redação”? “Composição”?

As orientações escolares para a escrita de texto costumavam ser do tipo: “observem as cenas e crie um texto de 25 ou de 30 linhas no máximo”, ou “façam um texto argumentativo sobre o assunto tal de no máximo ‘x’ palavras”. O que tais orientações geravam em termos de escrita? Em que essas orientações se diferem das tendências atuais em termos de produção escrita na escola?

Como era receber das mãos de uma professora um texto corrigido? Que lembranças e sentimentos vêm a nossa cabeça? Pode ser que nos lembremos de frases como: *você, nota 5 em 10!*, *que pena, seu texto não ficou legal!* *“precisa melhorar!”*, *“parabéns, seu texto está ótimo!* *“seu texto não tem sentido!”*, *“seu texto está confuso!”...*

¹ “**Bom texto**”- aqui entendido como um texto **legível**, **compreensível**, escrito de acordo com **gênero** e **tipo** de texto trabalhado e solicitado. Bom texto é aquele que **agrada** e **seduz** o leitor, não necessariamente por seu conteúdo, mas por sua adequação no que se refere à **coerência** (sentido), **coesão** (interligação das idéias) e **criatividade**.

Na maioria das vezes, aqueles alunos que se saíam bem nas produções de textos continuavam evoluindo e sendo elogiados; enquanto aqueles que não produziam bons textos ficavam sempre no mesmo lugar, com seus textos marcados à caneta vermelha e com as anotações mais desestimulantes e incompreensíveis possível. Muitas vezes ocorria, nas escolas, o que VAL nos afirma a seguir:

A “correção” de redações era um momento de acerto de contas, em que o professor verificava se os alunos tinham aprendido as lições da gramática normativa. O professor checava, então, a ortografia, a pontuação, o uso da crase, a concordância e a regência e quase nem se lembrava de ler o texto. (...) Essa atenção exagerada na forma passou a ser vista como equivocada, porque, ao olhar para a forma, deixava-se de lado o sentido. (VAL, 2009 – p. 39)

A mesma autora vem nos auxiliar a compreender qual é (e qual era) a real função da avaliação da professora nos textos produzidos por seus alunos e para quê avaliar. Na página 32 do livro “Avaliação do Texto Escolar – professor-leitor/aluno-autor”, Val coloca-nos sua posição sobre o assunto:

A avaliação de um texto escrito pode e deve ter como objetivo sinalizar, para o aluno, as virtudes e os problemas do texto, explicitando as razões da sua adequação ou inadequação. Assim, poderá tornar-se um recurso valioso que, a médio e longo prazo, contribui para que os alunos tenham domínio da língua escrita, nas suas diversas formas e funções. (Val, 2009, p.32 - grifo meu)

Essas e outras questões serão discutidas neste trabalho com o foco na reescrita de produções das crianças participantes da intervenção/plano de ação.

Minha prática enquanto professora, há 13 anos sempre estive de acordo com o que Val defende na citação acima, ou seja, sempre usei a avaliação dos textos produzidos pelos alunos como recurso sinalizador para os mesmos reverem e reescreverem seus textos de acordo com os objetivos pré-determinados.

Sempre busquei considerar o processo de cada educando, porém algumas questões sempre me incomodaram no sentido de buscar adequar a melhor forma de orientação junto a cada aprendiz.

Então, em meio a várias dúvidas, frustrações, medos, acertos e erros decidi apostar e investir na reescrita como metodologia e recurso didático intrínseco as aulas e à prática de produção de texto. Isso por considerar a reescrita um meio que possibilita ao educando reafirmar as ‘adequações’ de seu texto e perceber/corrigir as ‘inadequações’ do mesmo.

No decorrer do Curso LASEB², a disciplina ACP³ possibilitou-me fazer um estudo teórico/prático em relação à reescrita buscando entender:

- O que a antecede⁴, ou seja, o que deve ser trabalhado antes do aprendiz realizar a reescrita de seu texto?
- Qual deve ser o trabalho do professor (mediação)?
- Como a reescrita deve ser orientada (coletivamente e/ou individualmente)?
- Qual é o papel da reescrita na vida dos educandos a médio e em longo prazo?

Contudo, no decorrer de 2010, trabalhei com ‘meus alunos’⁵ a reescrita de textos produzidos por eles. Sendo que as propostas de produção, as avaliações e as orientações dadas para a reescrita foram orientadas e analisadas à luz de várias

² ‘LASEB 4’ – é o ‘Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica da FaE-UFMG/SMED-PBH’ que transcorreu, todos os sábados, de agosto de 2009 a dezembro de 2010.

³ ACP – Disciplina integrante do Curso LASEB, intitulada “Análise Crítica da Prática Pedagógica”. Esta disciplina perpassa todo o período do curso e visa à realização de um ‘Plano de Ação’ que é um projeto de intervenção e/ou de estudos de casos relacionados ao universo escolar que necessite ser estudado. O Plano de Ação (execução de atividades com alunos e a análise dos dados) ocorre sob a orientação de um (a) professor (a) do curso. Um dos produtos do Plano de Ação é a elaboração de um trabalho acadêmico, como esse, que sistematiza e possibilita socializar os resultados da ‘pesquisa’.

⁴ Vários itens **antecedem a reescrita** propriamente dita, (e devem ser de conhecimento do aluno) como: ‘orientações prévias para o aprendiz produzir o texto pedido’, ‘critérios avaliativos que serão aplicados’, ‘auto-avaliação’ do texto antes de entregá-lo para ser corrigido’, ‘avaliação do texto feita pelo professor ou outro elemento avaliador’ e ‘verificação seguida de correções das falhas do texto que foram pontuadas pelo avaliador’.

⁵ ‘Meus alunos’- Gostaria de deixar claro que tenho consciência que os alunos não são MEUS, no sentido de propriedade, mas, no decorrer do trabalho, usarei tal expressão como uma maneira carinhosa de me referir a eles já que estou com os mesmos por três anos consecutivos, desde o 2º ano do Ensino Fundamental.

referências teóricas estudadas no LASEB4 e também indicadas pela professora-orientadora desse trabalho.

Diante da decisão de trabalhar e estudar sobre a reescrita e suas influências na vida dos educandos e diante também, de vários textos produzidos pelos meus alunos, que guardei no decorrer de três anos de relacionamento com os mesmos, ressurgiram antigas questões:

- Quais são os aspectos, em geral, de maior dificuldade dos alunos na produção de texto?
- O que impede certos alunos melhorarem devidamente suas produções de texto? Alguns dos ‘melhores alunos da turma’⁶ mesmo depois de correções e orientações pontuadas na estrutura dos textos corrigidos, não dão conta de reescrever/reelaborar devidamente seus textos. Por quê?
- Como e o que deve ser feito para possibilitar um avanço desejado e necessário nas produções dos alunos? Alguns ‘bons alunos’ da turma permanecem com problemas de coerência e coesão textual; têm criatividade, mas não conseguem explicitá-las devidamente. E aí? O que e como fazer?
- Qual é o perfil dos alunos que não melhoram suas produções escritas? Como alcançá-los?
- Enquanto professora da turma, como corrigir e pontuar o que o aluno deve reelaborar no seu texto ao reescrevê-lo?
- Quais as estratégias mais eficazes para auxiliar os alunos a produzir, reelaborar e reescrever devidamente textos produzidos?

⁶ ‘Os melhores alunos da turma’: o termo será usado para referir àqueles alunos que, na sala de aula, fazem e acertam tudo que lhe é ensinado e cobrado; são aqueles alunos que só tiram conceito ‘A’, inclusive nas provas extra-escolares (Prova Brasil, Avaliação BH...).

Tais questões foram investigadas e serão relatadas, analisadas e exemplificadas no decorrer deste trabalho.

Espero que algum conteúdo, alguma parte deste trabalho sirva para orientar, instrumentalizar e/ou incentivar cada leitor, enquanto autor em potencial, pois esta é a visão que as análises aqui contidas me possibilitam vislumbrar.

Com este trabalho, espero sensibilizar cada professor que ler as análises e reflexões feitas sobre as experiências vivenciadas com os alunos pesquisados. Que cada professor-leitor ao se deparar com esse trabalho que possa refletir sobre sua prática e que consiga descobrir, criar e recriar idéias capazes de alcançarem seus alunos-autores, a fim de torná-los apaixonados pelo ato de ler e escrever diferentes gêneros textuais, brincando e se divertindo com as palavras, frases, textos e quem sabe até livros dos quais já são (e/ou serão) autores.

2. OBJETIVOS

Este trabalho tem por **objetivo geral** descobrir e socializar o papel da reescrita na qualidade de texto dos alunos, bem como pontuar e refletir sobre possíveis formas diferenciadas e estratégicas de fazer uso da reescrita como metodologia didática.

a fim de fomentar e possibilitar a existência de alunos-autores mais competentes e confiantes enquanto tal e professores-leitores mais instrumentalizados para fazer as devidas mediações.

Assim sendo, podemos listar alguns **objetivos específicos** deste trabalho:

- Lembrar que as orientações precedentes⁷ ao ato de produzir um texto são fundamentais para o educando e às vezes até descarta, a preocupação com a prática da reescrita.
- Mostrar que a reescrita é um importante e indispensável instrumento metodológico a ser usado nas aulas de produção de texto;
- Socializar dicas relacionadas ao trabalho com a reescrita em função de diferentes perfis de texto e de aluno;
- Refletir sobre a importância das 'orientações' dadas para a produção de texto, enquanto elemento determinante do estilo e linguagem que o aluno usará;
- Mostrar que não só o aluno, mas todo indivíduo, enquanto autor está, e sempre estará em constante processo de formação e aperfeiçoamento;

⁷ **Orientações que antecedem a prática de produção de textos:** tipo e gênero de texto solicitado / meio de circulação do texto (onde) / possíveis leitores (para quem) / tipo de linguagem (como) / conhecimento do assunto a ser abordado (o que). Tais orientações determinam a 'qualidade' do texto.

- Reafirmar a importância do professor-leitor incentivar os alunos a criarem o hábito de revisar textos que produzem;
- Defender a reescrita enquanto recurso que possibilita ao aluno perceber e refletir sobre as convenções que normatizam a Língua Portuguesa e a conseqüente apropriação do uso das mesmas (gramática no texto);
- Possibilitar a cada professor-leitor deste trabalho refletir sobre sua prática a fim de criar e recriar idéias capazes de alcançarem seus alunos-autores;
- Socializar exemplos com análises de textos de alunos que produzem mais e melhor, a partir da prática da reescrita;
- Pontuar, exemplificar e defender o papel determinante da orientação individualizada para certos alunos perceberem e corrigirem as inadequações de seus textos.

3. **ALGUMAS HIPÓTESES:**

- A reescrita de texto é uma prática inerente a alfabetização (aquisição do código da língua) e também ao letramento (uso da língua);
- Não basta o professor pontuar os erros dos/nos textos produzidos pelos alunos, é necessário valorizar e sistematizar a prática da reescrita do mesmo a partir dos erros pontuados;
- A professora é quem deve pontuar os erros dos textos dos alunos;
- Através da prática da reescrita, (reflexões e revisões devidas nos textos) vários alunos podem perceber suas 'falhas' (apontadas pelo professor, no próprio texto do aluno);
- Em alguns casos, não basta a professora pontuar os erros dos textos produzidos, pelos alunos e mandá-los reescrevê-los, ela terá que reescrever junto com os alunos, coletivamente e/ou individualmente.
- O aluno necessita refletir sobre suas ações, realizadas e a realizar, sobre seu texto antes de reescrevê-lo. Assim sendo, ele terá como melhorar cada vez mais sua capacidade de produzir textos mais elaborados, coerentes, coesos e criativos;
- A reflexão e reescrita do texto dão condições ao aluno, de aperfeiçoar, cada vez mais, suas produções escritas, de acordo com o gênero e o tipo textual aprendido e solicitado;
- O ato de reescrever um texto deve ser visto como um recurso metodológico que fazendo parte do processo de ensino-aprendizagem, possibilitará ao aprendiz aperfeiçoar seus textos produzidos e a produzir, ou seja, a médio e a longo prazo.

- Os alunos, enquanto 'indivíduo', requer atenção e intervenções diferenciadas para conseguir reescrever devidamente um texto. Em alguns casos, tem que ser individualizada.

4. METODOLOGIA

Este plano de ação começou a ser executado, enquanto tal, no mês de outubro de 2009 e até março de 2010 foi um momento mais dedicado à pesquisa bibliográfica sobre o papel da reescrita de textos na vida dos educandos.

Podemos dizer que os procedimentos para o desenvolvimento deste trabalho se dividiram em quatro blocos:

1. Pesquisa, leitura, estudo e algumas sínteses bibliográficas sobre reescrita e sobre outros assuntos relacionados à alfabetização e letramento que foram trabalhados e discutidos no decorrer do LASEB 4.
2. Produção de texto de gêneros diferentes seguida de reescrita dos mesmos, realizados com os alunos da turma com a qual trabalho. Este procedimento perpassou todo o tempo da execução do trabalho.
3. Análise qualitativa dos textos produzidos e reescritos, a médio e longo prazo, ou seja, no decorrer deste trabalho encontram-se comparações de texto de alunos na primeira versão e depois reescrito; encontram-se também comparações de texto de um mesmo aluno no decorrer do ano para mostrar sua evolução.
4. Por último, a presente análise e sistematização teórica e prática da reescrita dos textos dos alunos, bem como, as influências da mesma na capacidade de produção dos educandos.

Assim sendo, mais a frente, no item 'análise dos dados' encontraremos a apresentação dos estudos de caso de alunos e de algumas maneiras de se trabalhar a reescrita de acordo com o perfil de texto escrito e do aluno que executará a reescrita.

Devido às limitações para a análise e a apresentação dos resultados do plano de ação, este trabalho analisará o caso de apenas dois alunos da turma onde o projeto foi realizado. Porém, vale ressaltar que os dois casos representam bem os desafios encontrados em uma turma, em geral, pois a aluna Cristina e o aluno Jésus representam realidades estudantis extremamente apostas.

Cristina é uma aluna considerada ‘aluna com dificuldade de aprendizagem’. A própria mãe dela chegou a dizer, para a equipe da escola, que o que a filha aprendesse ali seria ‘lucro’, pois segundo um médico, Cristina demonstrava sofrer de dislexia por isso não aprendia tudo normalmente. Contudo, no final do terceiro ano do ensino fundamental, a aluna ainda não estava alfabetizada (como será relatado durante a exposição do caso dela).

Enquanto que Jésus é um aluno muito bem sucedido, na escola; sua nota ou conceito sempre está em alta. No primeiro ano do ensino fundamental já estava alfabetizado, ou seja, já estava lendo, escrevendo e produzindo pequenos esboços de texto.

Apesar de tamanha diferença na realidade escolar destes dois alunos algo entre eles era semelhante: no decorrer do tempo, ambos demonstravam-se incapazes de produzirem “bons textos”, ou seja, textos criativos, coerentes, coesos e agradáveis.

A partir desta intrigante realidade, o presente trabalho apresenta: posicionamentos teóricos sobre o assunto; análise de textos dos alunos referidos; e um capítulo intitulado “algumas maneiras de trabalhar a reescrita com os alunos”, que mostra algumas estratégias metodológicas usadas com a turma de alunos com os quais se desenvolveu o plano de ação.

5. PERFIL DA ESCOLA, DA TURMA E DA PROFESSORA

A escola onde o projeto de intervenção ocorreu é uma escola municipal da regional Noroeste de BH que atualmente atende ao 1º e 2º ciclo do ensino fundamental e ainda duas turmas de educação infantil em cada turno. É uma escola pequena, de apenas sete salas de aula, uma biblioteca, um laboratório de informática, dentre outros espaços.

A equipe pedagógica da escola é muito boa, pois é comprometida e dinâmica. A maioria dos professores tem ensino superior e alguns têm pós-graduação.

O trabalho da escola é muito bem reconhecido e aceito pela comunidade escolar como um todo, bem como pela SMED, principalmente no que se refere à alfabetização.

A maioria de seus alunos é de um nível sócio-econômico regular, ou seja, não estão em área de risco; tem responsáveis que os acompanham dentro e fora da escola e têm condições mínimas de sobrevivência (moradia, alimentação, vestuário, alguma forma de lazer).

A turma na qual foram realizadas as atividades deste projeto, atualmente é uma turma do 1º ano do 2º ciclo. Ela é composta por vinte e sete alunos, como mostra o quadro abaixo. Sempre foi uma turma participativa e muito falante.

Observando os dados do quadro, tornar-se importante ressaltar que a movimentação de alunos entrando e saindo da turma, e da escola como um todo, no decorrer dos três últimos anos, foi muito presente. Tal fato corresponde ao período da ampliação da Avenida Professor Antônio Carlos que desativou várias famílias da região ocasionando tal movimentação na clientela da nossa escola.

TOTAL DE ALUNOS DA TURMA EM 2010: 27 crianças					
Total de alunos que estão na turma desde 2007 (início do 1º Ciclo): 14 crianças		Total de alunos que entraram na turma em 2008/2009 (2º ou 3º ano do 1º Ciclo): 10 crianças		Total de alunos que entraram na turma em 2010 (1º ano do 2º ciclo): 03 crianças	
Ainda, participam do Projeto de Atendimento ⁸ 02	Nunca receberam Projeto de Atendimento: 12	Ainda, recebem Projeto de Atendimento: 04	Nunca receberam Projeto de Atendimento 06	Ainda recebem Projeto de Atendimento: 02	Nunca receberam Projeto de Atendimento: 01

Como mostra o quadro anterior, apenas 14 crianças que iniciaram o 1º ciclo na escola, permanecem na mesma.

É importante ressaltar ainda que os dois alunos que terão suas produções de texto analisadas no decorrer deste trabalho pertencem à grupos bem diferentes em relação à subdivisão do quadro apresentado: Cristina ingressou na nossa escola no início de 2008 (no 3º ano do 1º ciclo do ensino fundamental) e sempre participou do Projeto de Atendimento da escola. Já Jéssus ingressou na nossa escola no início de 2007 (no 1º ano do ensino fundamental) e nunca participou do Projeto de Atendimento.

⁸ **“PROJETO DE ATENDIMENTO”**: é um trabalho realizado com os alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem e desenvolvimento da aquisição de alfabetização básica: leitura e interpretação de textos simples; e também a segurança para escrever alfabeticamente as palavras. Esse projeto visa também o desenvolvimento do raciocínio lógico matemático dos alunos no que se refere à solução de situações-problema e situações relacionadas ao sistema de numeração decimal. A criança é atendida uma hora por dia, no seu próprio período de aula, em agrupamentos de 2 a 6 crianças. Ela sai de sua sala de origem e é atendido por uma professora que trabalha apenas com o Projeto de Atendimento da escola. Caso a criança necessite de mais tempo de atendimento existe também a possibilidade dela ser atendida em horário extra-turno uma hora por dia, quatro vezes por semana.

Nos anos 2008, 2009 e agora em 2010, a turma permaneceu comigo como professora referência⁹. Assim, trabalhando com a turma durante três anos, pude visualizar e acompanhar o ‘*processo*’ de desenvolvimento de cada aluno, sua história de vida e então as possíveis estratégias de intervenção para que cada criança continuasse progredindo.

No geral os alunos gostam muito de mim enquanto pessoa e enquanto professora e eu também tenho não apenas um compromisso profissional com eles, mas uma relação de envolvimento e carinho muito grande.

Entre meus alunos e eu, inúmeras vezes há trocas de cartinhas, presentes, brincadeiras, elogios, ‘puxões de orelha’, abraços, beijos, declarações do quanto gostamos uns dos outros... Tudo isto é muito gostoso e gratificante para ambas as partes, além de favorecer a relação de ensino/aprendizagem.

Procuo envolver e descontraír o máximo as crianças, sempre com um pouquinho de gracejos, humor e brincadeiras no decorrer das aulas, mas pelo o que vejo nem precisaria investir nisto, pois meus colegas de trabalho e meus alunos dizem que sou muito engraçada, na verdade acho que sou meio desajeitada e ‘pagadora de mico’.

A ‘graça’ e as ‘gafes’ fazem parte da minha metodologia de trabalho, pois seduz, encanta, diverte e descontraí os alunos de maneira que a aula ocorre, na maioria das vezes, de maneira prazerosa e proveitosa, além de induzir os alunos a produzir textos humorísticos e criativos, isto com base nas verdadeiras mancadas da professora, que segundo os alunos é “uma professora muito maluquinha” que deu inspiração para o autor Ziraldo.

⁹ **‘Professora Referência’** é aquela que trabalha apenas em uma determinada turma, sem ir a outras. Ela fica $\frac{3}{4}$ do tempo diário de aula com ‘sua’ turma e é substituída pela **‘Professora de Apoio’** que é aquela que vai a três turmas, uma hora por dia.

6. ANÁLISE DOS DADOS

6.1. Escrever textos com liberdade, sem medos: condição para a prática da reescrita

No decorrer dos anos, como professora, percebo que algumas crianças, já alfabetizadas, não se apresentam à vontade para produzir textos, parecendo ter medo de escrever quando solicitados.

Às vezes, determinados alunos devolvem a folha destinada à produção de texto apenas com o seu nome, sem mais nada escrito; e quando questionados alegam não saberem, ou não conseguirem produzir.

Tais fatos sempre me incomodaram, pois “produzir texto” é um dos pilares da língua portuguesa enquanto disciplina e também, é uma capacidade fundamental na vida cotidiana dos indivíduos.

Enquanto sujeitos sociais (ver explicação p/ sujeitos sociais), que somos, precisamos a todo instante e em várias situações, não apenas ler e interpretar, mas também, escrever textos de diferentes gêneros e tipos dependendo da situação. Isto porque vivemos em uma sociedade letrada na qual os sujeitos fazem uso da língua escrita para se comunicar; para transmitir e registrar historicamente conhecimentos produzidos e sua cultura (modo de se organizar) em geral.

Daí o motivo não só para preocupação, mas também para certa angústia pelo fato de, enquanto professora, não alcançar devidamente alguns alunos no que se refere ao ato de escrever algo simples sobre um assunto dado.

Contudo, desde o início desse curso de pós-graduação, que possibilitou este trabalho, retomei as seguintes perguntas a serem pesquisadas e de alguma maneira respondidas:

- Por que certos alunos se recusam a produzir textos? O que os impede? Falta-lhes coragem? Será preguiça?
- Por que certos educandos escrevem tão pouca coisa no papel, nos momentos de produção de texto? Será que lhes faltam idéias?
- O que cada professor pode e deve oferecer a tais alunos para que consigam escrever, produzir textos?
- Como falar em intervenção no texto do aluno se ele não produz (nada escreve)?
- O que e como fazer para que a criança produza algo no papel? Como ajudá-la?

Em meio aos questionamentos e aos estudos, deparei-me com o caso de alguns alunos que me chamou muito a atenção e que me possibilitou fazer várias relações de teorias estudadas no curso da pós-graduação com a minha prática como professora.

O caso a seguir, da aluna Cristina, é um dos exemplos que possibilita-nos várias reflexões.

6.2. CASO DA ALUNA CRISTINA: Atendimento individualizado para escrita/reflexão/reescrita: recursos e metodologias usadas para a aluna aprender e apreender a base alfabética-ortográfica da língua portuguesa

Cristina chegou à escola onde trabalho no início de 2008, e a turma adequada à sua idade era correspondente ao final do 1º ciclo. Ela ficou nesta turma, mas como tinha um déficit de aprendizagem recebia um atendimento em pequenos grupos diariamente, uma hora por dia, quatro vezes na semana. Apesar do atendimento durante todo o ano de 2008, Cristina não foi alfabetizada.

Assim, no início de novembro de 2008, a coordenadora da escola apresentou-me Cristina como uma aluna de outra sala que por não estar alfabetizada não poderia acompanhar sua turma de origem para o 2º ciclo e que, portanto seria colocada na minha turma a partir de 2009.

Logo que conheci Cristina percebi que ela era muito tímida e que estava meio sem graça pela situação como um todo. Procurei aproximar-me dela e fiz um ar de festa e de felicidade porque iria tê-la como aluna; disse a ela que ia ser só uma questão de tempo, que rapidinho ela iria aprender a ler e escrever e ia ser muito bom ficar com os alunos da minha sala.

Para não me decepcionar e nem decepcionar Cristina, conversei com os alunos da minha turma sobre a importância dela se sentir aceita e respeitada pelo grupo.

Após combinar com a equipe da escola e com a família da aluna, no prazo de uns quatro dias ela já estava integrada na minha turma a fim de já ir se acostumando e pegando o ritmo da turma para o início de 2009.

No dia sete de novembro de 2008, logo que Cristina foi para minha sala, ela realizou, junto com os outros alunos, a escrita de parte de uma música que trabalhamos em sala. Ditei cada verso e cada um escreveu em sua folha.

Grande foi minha surpresa quando peguei a folha de Cristina, pois sua escrita apontava que faltava bastante para dizermos que ela dominava a base alfabética da escrita. Vejamos como ficou a primeira versão da escrita dela.

Cs daq i resa ----- (canção da criança)

Riesvelis ----- (criança feliz)

Veliarta ----- (feliz a cantar)

Aleamih pala----- (alegre a embalar)

Ca sou, vomo.----- (seu sonho infantil)

Ó dogvu ----- (ó meu bom jesus)

Qapo qudu----- (que a todos conduz)

Olhaa qiesa.----- (olhai as crianças)

Bumosu braviu ----- (do nosso brasil)

Como podemos ver o trabalho inicial com Cristina não era apenas pontuar alguns erros de sua escrita.

Individualmente, refiz com a aluna a primeira estrofe da música usando o alfabeto móvel, falando cada palavra e fazendo relações da letra ou sílaba inicial do nome de outras coisas e pessoas que ela conhecia, ou de etiquetas da sala, ou até de palavras de um alfabeto ilustrado que fizemos juntas para ela consultar e fazer relações sempre que necessário (letra/som).

Cristina então, paulatinamente, aprendeu a pensar para escrever e também a reescrever sempre necessário. Ela sempre se demonstrou interessada a aprender e a fazer a atividade que todos seus colegas faziam.

Foi muito bom levar Cristina para ‘minha’ sala a partir de novembro, pois desde então comecei a fazer um trabalho não em pequenos grupos, mas individualmente com ela pelo menos uma ou duas vezes por semana. O trabalho voltava-se para possibilitar a aluna o domínio da base alfabética-ortográfica do nosso sistema de escrita e o desenvolvimento de autoconfiança para expressar-se.

Assim diferentes atividades foram realizadas: muito diálogo; uso de alfabeto móvel para escrita de palavras, frases, parlendas estudadas por ela; intervenção na escrita realizada com as letrinhas móveis; cópia no papel das escritas e reescritas realizadas com o alfabeto móvel, após as intervenções; formulação de frases e textos orais; reconto, reescrita no computador, dentre outras.

O **trabalho individualizado** que realizava com Cristina pautava sempre na reflexão dos seus ‘erros’ e acertos, isto após eu pontuar na sua escrita aquilo que ela precisava rever, pensar, reestruturar, e então reescrever. De acordo com suas hipóteses íamos escrevendo e reescrevendo listas de palavras e frases.

Com o trabalho individualizado, mais as atividades em sala de aula e a continuação do atendimento em pequenos grupos, Cristina foi perdendo o medo, conquistando autoconfiança e auto-estima.

A aluna entendeu que podia errar para consertar, ou melhor, ela aprendeu que podia escrever sem medo e depois reescrever seu texto, quantas vezes quisesse.

Este caso retrata o que Cavéquia¹⁰ nos aponta na p.16 do item “Assessoria Pedagógica” do seu livro didático:

Muitas vezes, por não ter domínio da escrita, o aluno sente medo de escrever. Por isso, o professor deve incentivá-lo a escrever da maneira como sabe, para que esse aluno se sinta mais confiante em suas próximas criações.

¹⁰ (CAVÉQUIA, Márcia Paganini – Trecho retirado da “Assessoria Pedagógica”, pág. 16 do livro didático da autora: “A Escola é Nossa” – Português: 1ª série / Márcia Paganini Cavéquia ; ilustrações Beto, Simone Bellusci Cavalcante, Tânia Machado. – São Paulo: Scipione, 2001. – (A escola é nossa)

É fantástico ver o poder que tem a reescrita na vida do educando no que se refere ao gradativo domínio da estruturação da língua portuguesa, isto tanto no que se refere à alfabetização quanto no que se refere ao letramento.

Após dois anos de trabalho com Cristina, sempre fazendo uso da reescrita; comparando e averiguando alguns textos produzidos por ela, podemos citar vários avanços notáveis que a mesma conquistou:

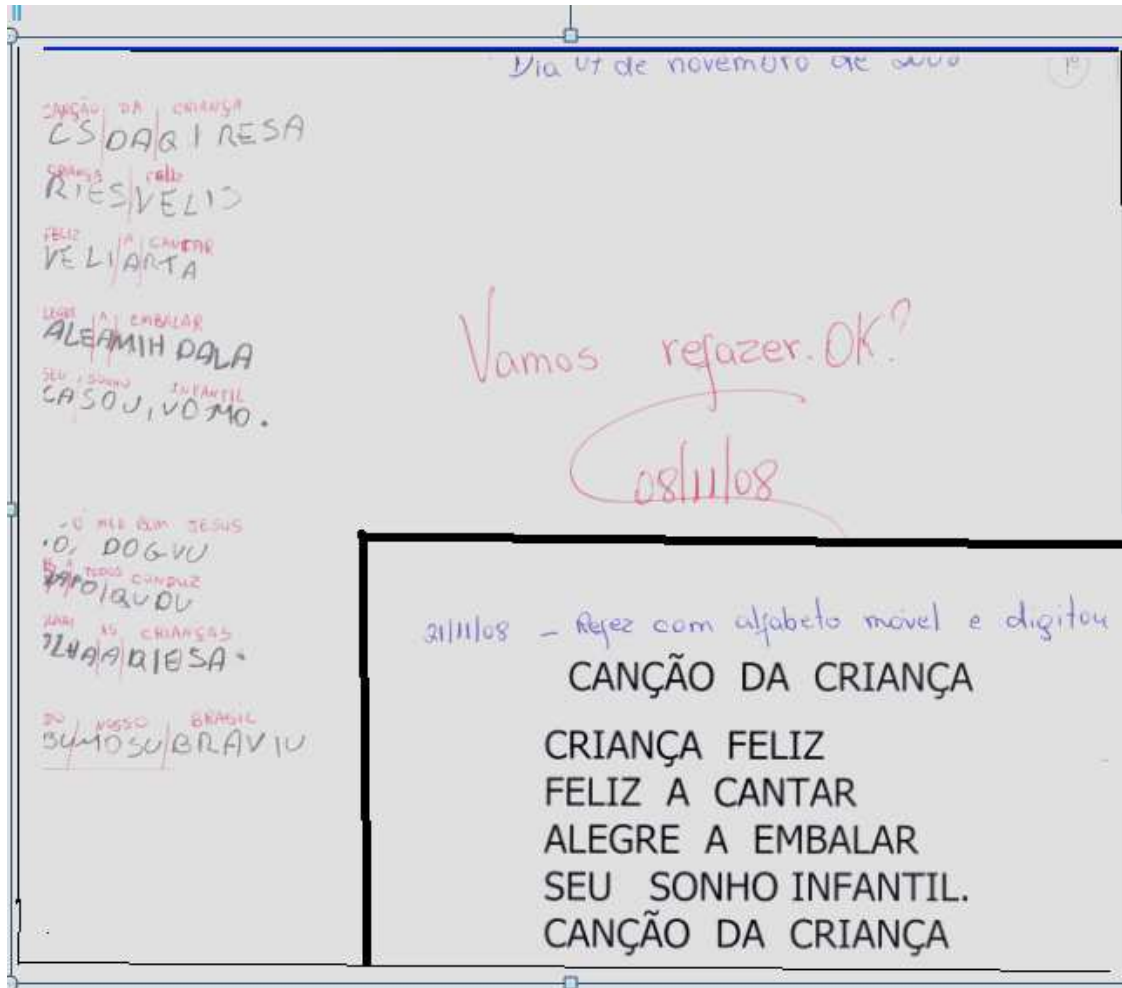
- Auto-estima em elevação, pois Cristina viu que ela, no seu ritmo, é capaz de fazer aquilo que os outros fazem. Hoje já ousa levantar o dedo para ler pequenos textos, ou dar respostas de atividades; ousa dar opinião. É maravilhoso! É emocionante ver a evolução desta criança.
- Atualmente, produz tranquilamente textos de acordo com o gênero e tipo textual solicitado e já trabalhado, pois mesmo depois de alfabetizada, muitas vezes Cristina recusava produzir textos, alegando não dar conta.
- Paulatino, porém contínuo, crescimento de sua autoconfiança para registrar, para escrever, para produzir textos.

Vale à pena lermos alguns textos desta aluna não para apontar as falhas que ela ainda precisa superar, mas para vermos o que a reescrita, a dedicação de um professor, o incentivo, o estímulo, a aposta no educando, aulas recheadas de graças, brincadeiras e intimidades são capazes de fazer na vida de um aluno.

Assim sendo, seguir alguns textos de Cristina são apresentados em uma ordem cronológica de produção, onde podemos ver os avanços que esta criança apresentou no decorrer do tempo, vivenciando a prática da reescrita de seus textos e de outros colegas de turma.

Texto 1: Texto ditado pela professora: A Canção da Criança (07/11/08)

“A canção da criança” foi o primeiro texto que Cristina escreveu com a ‘minha’ turma de alunos. Foi ditado verso por verso.



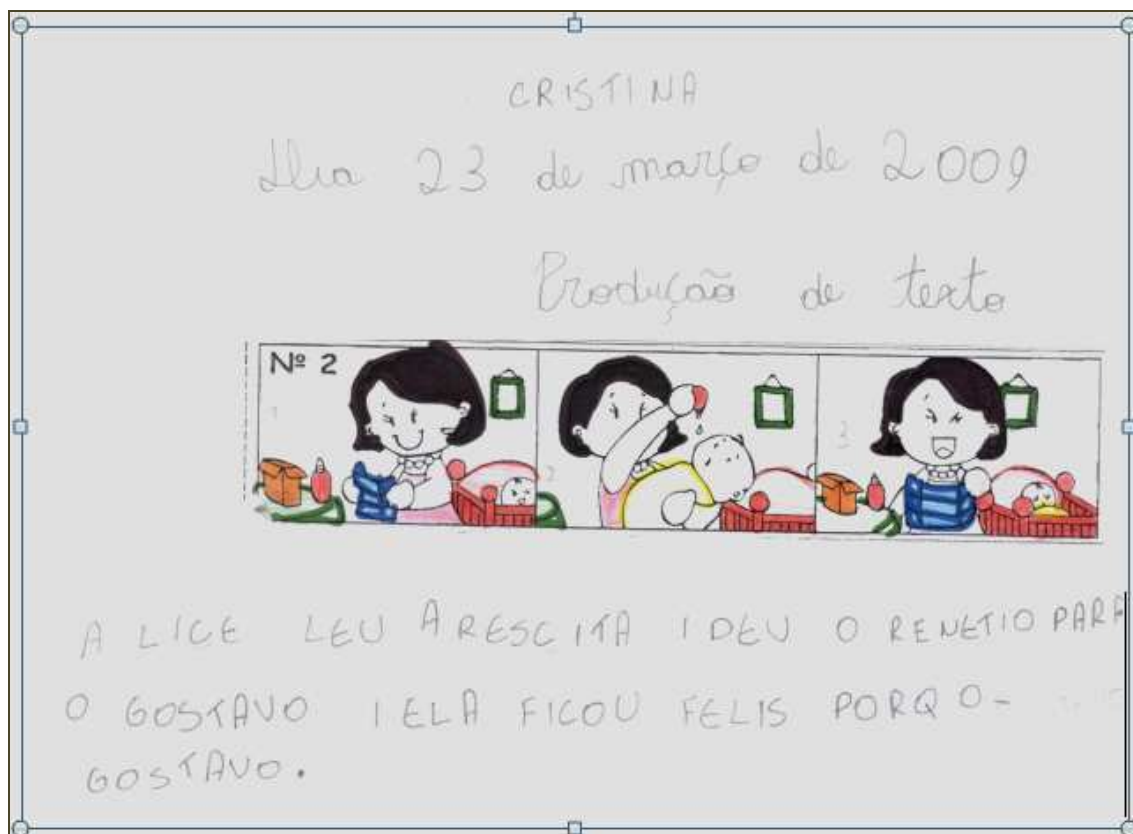
Texto 2: Produção de uma história com base em três figuras (23/03/09)

Em sala de aula vários alunos falaram como poderia ser desenvolvida a história. Quem quis fez uma produção oral antes de escrever para servir de idéia para outros colegas e para melhor estruturar suas próprias idéias antes de registrá-las.

A proposta da produção, portanto o que seria avaliado, era vermos como cada criança estava no tocante à criatividade e uso de pontuação, inclusive de diálogo que há muito tempo estava sendo trabalhada com a classe.

Como pode ser observado abaixo, três meses e meio de aula propriamente dita, a contar do início de novembro de 2008 até a data da produção deste texto, e Cristina já começou a fazer um texto pequeno, porém quase todo de acordo com a base de escrita; coisa que não conseguia há três meses, como pode ver no texto nº 1.

Não estou dizendo que o texto abaixo está perfeito, claro que tem várias coisas a corrigir e a acrescentar, porém não tem como falar que a aluna não avançou. Vejamos:



**Texto 3: Texto de suspense ou terror: “A história do computador vivo”
(23/02/10)**

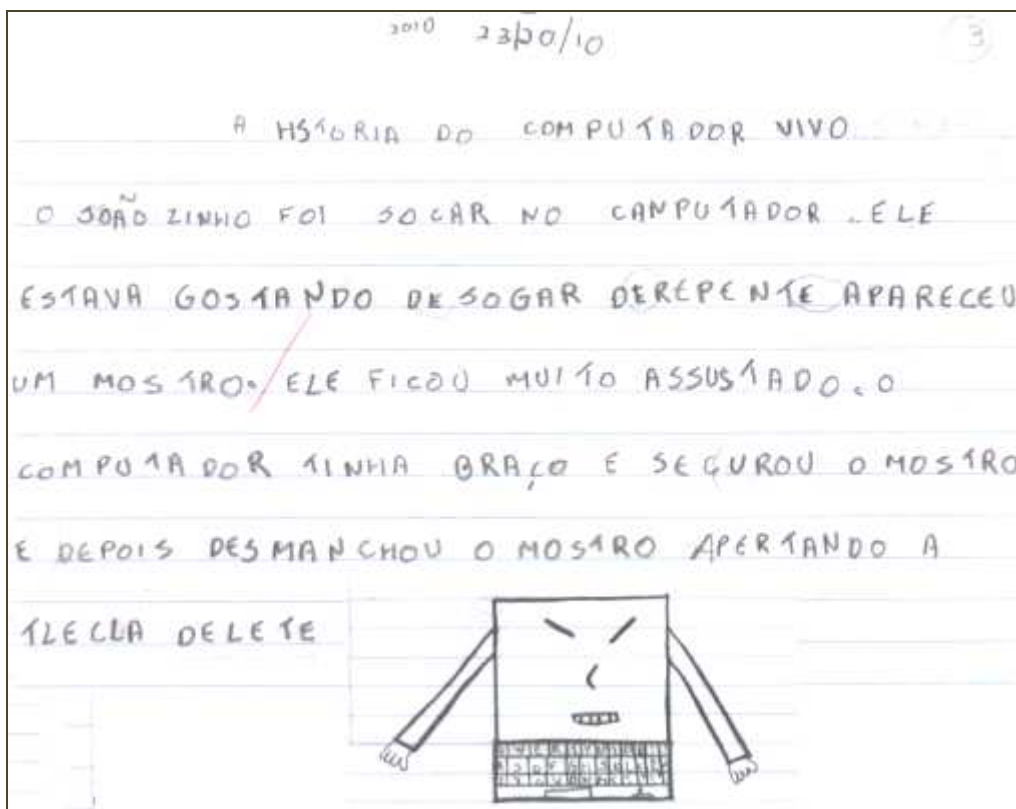
No início desse ano, os alunos estavam com mania de contar histórias de terror e de suspense para os colegas da turma nos momentos permitidos, ou então contar casos de assombração para deixar um pouquinho de suspense e medo solto no ar.

Como vi que a idéia de terror e suspense estava seduzindo os alunos, propus que quem tivesse alguma idéia ‘legal’ para contar uma história, real ou inventada, de acordo com aquele estilo de texto poderia fazê-lo oralmente. Foi uma experiência muito interessante, vários alunos participaram; e medos, medinhos e ‘medões’ foram produzidos e experimentados pelos alunos dentro de sala de aula.

A imaginação, a criatividade crescia mais e mais nas produções orais. Até que pedi à turma que cada aluno escrevesse a história que contara e que também aqueles que não produziram a história oralmente o fizessem por escrito para que eu levasse os textos para o Matheus (meu filho) ler e dizer o que achou de cada um, *‘pois ele ama história de suspense e de terror’*, disse eu à turma.

Vale ressaltar que Matheus é meu filho de onze anos que às vezes ‘uso’ como recurso didático; por exemplo, o apresentado para meus alunos, como leitor dos textos que produzem; ou como alguém que está sentindo falta de um bilhete ou uma cartinha dos meus alunos que ele tanto gosta; e vice-versa.

Contudo, como podemos ver abaixo, Cristina teve uma criatividade muito boa ao produzir seu texto. Como várias crianças, em suas produções orais, deram vida a algum objeto fazendo dele um ser temível, Cristina fez a seguinte história:



A aluna demonstrou criatividade, pois ninguém na sala contou esta história. CRISTINA fez uso de seu conhecimento de mundo em relação a tecla “delete” (apagar/desmanchar/eliminar) de maneira coerente e acertada no que se refere ao texto como um todo, pois a forma que ‘Joãozinho’ encontrou para eliminar o monstro que o ameaçava foi apertando a tecla ‘delete’.

Texto 4: Carta à Supervisora de Merenda Escolar (18/03/10)

No segundo semestre de 2009 o gênero “carta” foi trabalhado com a turma. A idéia era mostra para os alunos como as novas tecnologias diminuíram, ou quase aboliram o uso de cartas como era há alguns anos atrás.

Vários tipos de carta foram abordados pontuando suas diferentes funções. A ‘carta de reclamação e/ou de solicitação’ foi uma das cartas trabalhadas.

Neste período do ano, grande era o número de alunos que não estavam merendendo na escola, e quando questionados o motivo alegavam: “Já almocei

antes de sair de casa, não quero comer comida de novo. Agora é hora de café, de lanche e não de almoço”.

Conturbada e polêmica era tal situação, pois a escola pedia para os alunos não levarem merenda, porém às três horas da tarde, ingerir comida quente quase todos os dias da semana era algo pesado de se pedir para as crianças.

Muitas discussões sobre o assunto realizaram na sala, até que uma aluna sugeriu que escrevêssemos uma carta de reclamação para a supervisora da escola para melhorar o cardápio adequando-o melhor ao horário da tarde (após almoço) e também à estação do ano.

Cada aluno escreveu e reescreveu sua carta a ser entregue à supervisora de merenda a fim de solucionar a situação. Eu combinei com a direção da escola que repassasse para a mesma os questionamentos dos alunos e ainda a iniciativa dos mesmos de fazerem a carta para ela. A diretora assim fez e por coincidência ou não, o cardápio da merenda da escola deu algumas pequenas mudadas, o que tem deixado os alunos mais contentes e merendando.

Mas e a Cristina? Mais uma vez a aluna surpreende, vejamos:

- Estruturação semântica (compreensão / coerência) - é o conteúdo escrito / O QUE e como foi organizado;
- Estruturação gramatical (formal / coesão) - COMO foi escrito / adequação GRAMATICAL;
- Dimensão comunicativa (discursiva) – relação entre autor e o leitor estabelecida através do texto (PARA QUEM, PARA QUE, O QUE, COMO – gênero/linguagem, ONDE)

VAL ainda trabalha um pouco mais estas idéias acima, explicitando-as, no mesmo livro, porém com outras palavras, vejamos:

“Entendemos que o processo de produção integra três atividades diferentes, mas complementares e inter-relacionadas: a) a atividade de situação, que consiste em considerar e interpretar os elementos que compõem o contexto comunicativo (quem fala ou escreve, para que, para quem, onde, quando) e em se posicionar diante deles; b) a atividade de cognição, que consiste em pensar sobre o tema do texto (o que), ativando os conhecimentos armazenados na memória, relacionando-os com os que vêm da própria situação interlocutiva, articulando-os de modo a produzir novas idéias, nova maneira de compreender a questão, de modo a organizá-los num texto que pareça lógico, coerente e interessante para os interlocutores; c) a atividade de verbalização, que vem a ser a ação de traduzir em palavras e frases as próprias intenções comunicativas e o conteúdo a ser comunicado, compondo um texto coeso, numa variedade lingüística adequada à situação (trata-se de como falar ou escrever).” (VAL, 2009 – p. 40 – grifos meus)

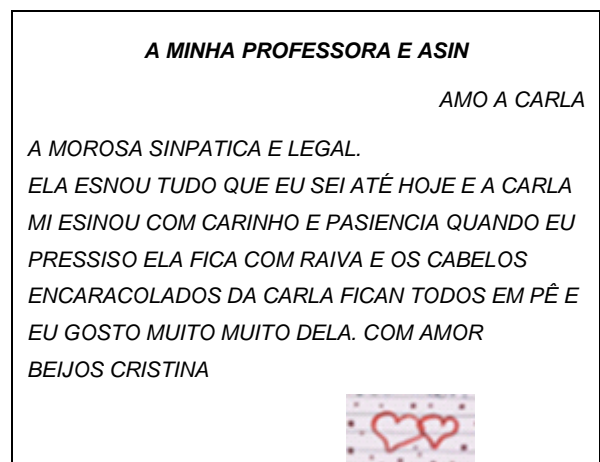
Texto5: “Minha Professora é Assim” (10/10/10)

Próximo do dia do professor solicitei aos alunos que escrevessem um texto apresentando como a professora Carla é enquanto tal.

Como a maioria dos alunos da turma já está comigo há três anos de convivência, muita brincadeira e intimidade perpassa a relação professora/alunos. Assim sendo, na maioria das vezes, sou chamada de “professora maluquinha (inspiração do Ziraldo)”. Os alunos dizem que sou muito engraçada e chego a ser meio maluca devido à algumas atitudes dentro e fora de aula, além das situações atrapalhadas (micos) do meu dia a dia que eles adoram ouvir, para rir de mim, é claro.

A turma sabia que os textos serviriam de base para criamos um pequeno teatro a ser apresentado na escola, onde alguém faria o papel da professora encenando algum marco característico da mesma.

Textos surpreendentes surgiram na sala como um todo, mas analisemos, a seguir, o texto de Cristina. Para uma melhor leitura, o texto dela foi digitado com os respectivos erros e inadequações presentes na folha original da produção. Vejamos:



Na maior parte do texto de Cristina podemos ver que ela estava de acordo com o tipo de texto pedido – descrever como era sua professora.

Na segunda versão, chamei a atenção da aluna para que a mesma relesse e analisasse o seu texto, o qual tinha o objetivo de falar de alguém, descrever alguém; porém no seu texto tinha uma pequena parte onde ela demonstrava falar com alguém (*'com amor /beijos/Cristina'*) e que, portanto precisava ser revisto.

Cristina, com ajuda, detectou esse erro, e fomos discutindo as demais inadequações de seu texto a serem corrigidas por ela ao reescrevê-lo (pontuações, acentuações, ortografia...). VAL aponta-nos a importância de explicitarmos para o aluno o que está, ou não, adequado no seu texto produzido:

“Quais seriam as conseqüência de não dizer para o aluno as razões da inadequação de seu texto? Parece-nos que quando se nega ao aluno esse tipo de avaliação não se está contribuindo para que ele tenha uma compreensão mais adequada das regras de funcionamento de um texto.” (VAL, 2009 – p.35)

A reescrita usada como metodologia e/ou recurso didático

A análise e intervenção lingüística realizada no texto – ‘Minha Professora é Assim’ - que Cristina produziu nos dá margem para análises bem mais significantes e profundas relacionadas ao uso da reescrita como metodologia.

“Ela ensinou tudo que eu sei até hoje”.

“E a Carla me ensinou com carinho e paciência”

“Eu gosto muito dela.” / “Amo a Carla.”

Vemos, acima, algumas partes do texto dela que nos possibilitam fazer algumas reflexões, como:

- Por que Cristina ficou quase três anos no âmbito escolar e não foi alfabetizada? (veja o texto nº1 dela)
- Como se explica o fato da aluna, no período de, mais ou menos, quatro meses, avançar tanto no domínio da base alfabética da língua portuguesa? Comparemos os textos nº1 e sua respectiva data com os demais textos dela apresentados.
- Esta aluna demonstra um reconhecimento e uma ‘enorme gratidão’ à professora por ter investido **tempo individualizado** a ela quando a mesma ainda precisava de uma atenção e orientação maior.

Cristina ficou, dois anos, em uma escola que não era a que eu trabalho e mais quase um ano na ‘minha escola’, sendo que nesta última posso afirmar que sempre recebeu atendimento em pequenos grupos.

Sem querer menosprezar o trabalho de ninguém, e com base na experiência do trabalho que realizei com Cristina, e outros alunos com os quais já trabalhei, é que **defendo o trabalho/atendimento individualizado em alguns casos** como o da aluna em questão.

Tenho consciência que atender alguns alunos individualmente não é uma tarefa fácil, principalmente com alunos do segundo ciclo em diante, pois o número de alunos que cada professor trabalha é maior, o tempo com os mesmos é menor e vários outros fatores interferem.

Porém, se o educando realmente quiser melhorar seu conhecimento escolar, independente do ciclo, é possível arranjos de horários e pessoas na escola que dará condições para que atendimentos individualizados e em pequenos grupos (reagrupamentos da turma) aconteçam periodicamente.

6.3. CASO DO ALUNO JÉBUS: Reescrita a fim de reorganizar idéias, frases e espaçamentos de texto produzido, tornando-o legível, compreensível, coerente e coeso

Jébus estuda na escola onde trabalho desde o início do primeiro ciclo, entrou junto com a maioria da turma, em 2007. Aluno esperto, inteligente, participativo e muito criativo. Desde o início de 2008, quando comecei a trabalhar com a turma, Jébus já estava praticamente alfabetizado, ou seja, já sabia ler, interpretar e produzir pequenos textos.

Com o decorrer do tempo, os textos do aluno foram ficando maiores, porém com várias inadequações: apresentavam idéias muito soltas, misturadas e não finalizadas, além de uma caótica apresentação física.

Ou seja, as produções de Jébus fugiam a tudo que Val defende quando afirma que - *“(…), na escrita, em situações formais, a organização é muito importante para criar uma imagem positiva do texto e, conseqüentemente, do autor.”* (VAL, 2009 – p.36)

Vejamos a seguir alguns textos do aluno:

Texto 1

sala: 6 Data: 22/10/08
Confusão de Felele Regular!

Felele estava no mate.
 E sua mãe a chamou Felele
 para o pé de laranja.

Felele Felele Felele e laral e pé
 e ganhou o mate ja laranja
 pé de laranja como a senhora
 Mandou Felele, como voce
 Mas entende...? O que? Ela? Ela? Ela?

Texto 2

Texto Nº2 - 14/08/09

Havia uma escola emcantada a escola e assim
 janelas e portar de chocolate massanetas de
 rosquina o licho de brigadeiro, massa de bolo
 de morango relógio de assucar, chão de brigadeiro
 massa (mesa) da professora de gelatina, deredes de
 caramelo, brigadeiro, armário de sorvete, chão de
 morango. Se você qer visitar essa escola o nome
 e adocsada rua do doce sep 30.

→ Pontuação → vírgula ao enumerar, ou citar

DIGITAÇÃO do TEXTO 2 de Jésus
 (para possibilitar leitura)

Jésus. A escola emcantada. Data: 14/08/09.
 Havia uma escola emcantada a escola e assim
 janelas e portar de chocolate massanetas de
 rosquina o licho de brigadeiro, massa de bolo de
 morango relógio de assucar chão de brigadeiro
 massa (mesa) da professora de gelatina deredes de
 caramelo brigadeiroarmário de sorvete chão de
 morango. Se você qer visitar essa escola o nome
 e adocsada rua do doce sep 30.

Texto 3

Escola, Mem Prof. Clara Brar. Texto Nº 5 - 18/03/10

Felele ficou muito feliz.
 Supervisor da alimentação, Ma da sala.
 Há uma reclamação da comida, quanto mais dois
 ingredientes. Como a laranja, Manga, coque, suco de
 laranja.
 De laranja, laranja de frutas, laranja, laranja.
 laranja, laranja de laranja e de laranja. laranja, laranja.

Texto 4

Texto Nº 6 - 05/04/10

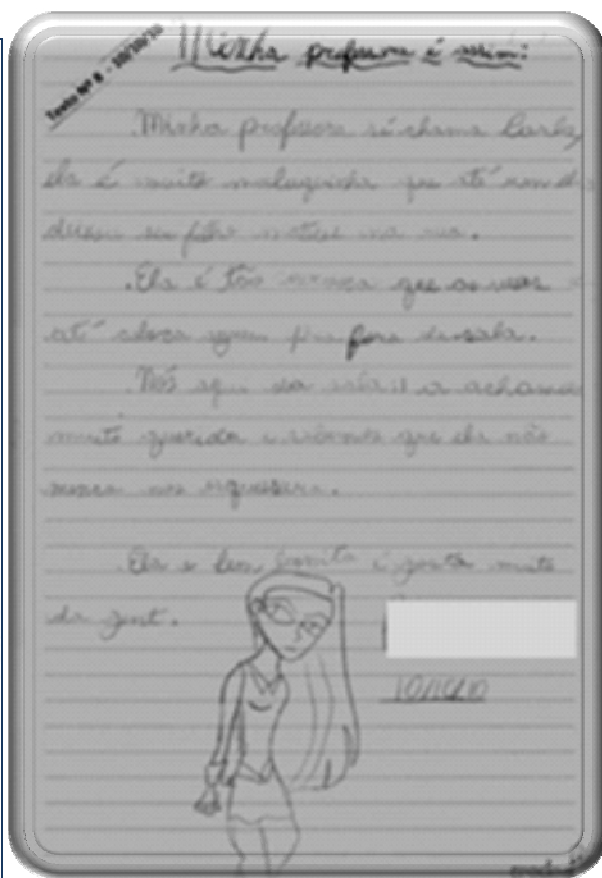
Havia uma escola emcantada a escola e assim
 janelas e portar de chocolate massanetas de
 rosquina o licho de brigadeiro, massa de bolo de
 morango relógio de assucar, chão de brigadeiro
 massa (mesa) da professora de gelatina, deredes de
 caramelo, brigadeiro, armário de sorvete, chão de
 morango. Se você qer visitar essa escola o nome
 e adocsada rua do doce sep 30.

Texto 5



Texto 6

(digitado a seguir para melhor leitura)



Digitação do TEXTO 6 de Jéssu
(para melhor LEITURA)

Minha professora é assim:

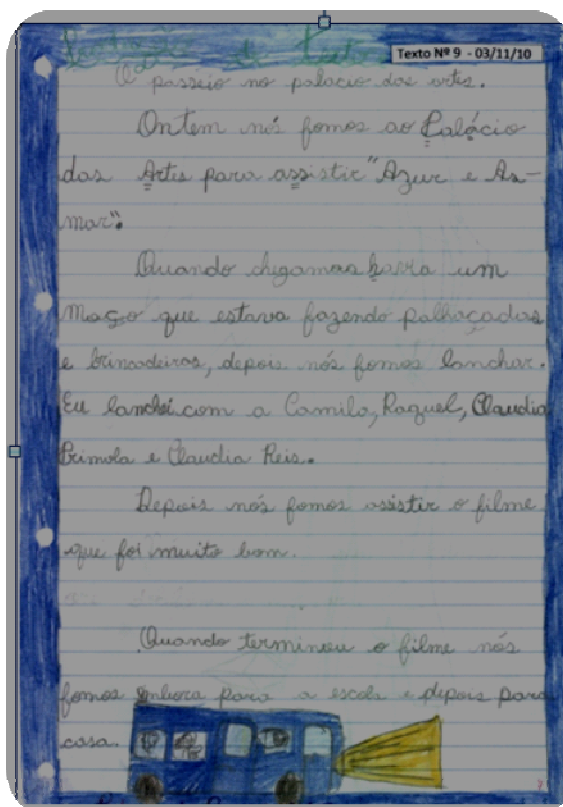
Minha professora se chama Carla, ela é muito maluquinha que até um dia deixou seu filho mateus na rua.

Ela é tão nervosa que as vezes até coloca alguém pra fora da sala.

Nós aqui da sala:1 a achamos muito querida e sabemos que ela não nos esquecerá.

Ela é bem bonita e gosta muito da gente.

Texto 7



Como podemos ver inicialmente as produções de Jésus apresentavam várias ‘inadequações’, dentre elas:

- Uso indevido de espaçamento ao escrever palavras e frases; ausência de parágrafos; mau uso das margens; frases emboladas... (Voltemos aos textos 1 e 2 do aluno);
- Letras mau traçadas;
- Muitas rasuras e rabisco;
- O texto propriamente dito apresentava-se de maneira vaga, pouco atraente;
- Idéias soltas, sem nenhuma coerência e coesão, pois ele achava que assim como ele, o leitor já sabia determinadas informações e detalhes do texto e, portanto, não as explicitavam. (Texto 1)
- Texto sem final (Texto 1)
- Vários problemas ortográficos (regras básicas não apreendidas – texto 2)
- Não uso de parágrafos e pontuações básicas de diálogo (Texto 1)

Por que tantas inadequações nos textos de Jésus sendo que ele sempre foi um aluno exemplar, tira as melhores notas nas avaliações em geral, inclusive as sistêmicas¹¹?

Apesar de ser um aluno com conceitos (notas) tão bons, constatei no decorrer do tempo que Jésus **não conseguia perceber sozinho**, que produzir um texto é relacionar-se com o leitor possibilitando-o entender de forma coerente e coesa o que o autor fala, para então, enquanto leitor, experimentar interagir com o contexto apresentado.

Jésus precisava, na verdade, entender e colocar em prática, nos seus textos produzidos, o que VAL nos alerta a seguir:

“(...) Todo texto escrito funciona como diálogo, como interlocução à distância: quem escreve leva em conta para que, para quê, onde e quando está escrevendo e

¹¹ **Avaliações Sistêmicas** - são aquelas provas com elaboração extra-escolar, a nível municipal, estadual e nacional que os educandos fazem periodicamente, na escola. Tais provas servem para avaliar, não só o aluno, mas também cada esfera da educação.

também em que situação se texto será lido. É particularmente importante, para o autor de um texto escrito prever quem será o seu leitor – o que ele sabe e o que ele deixa de saber, o que espera encontrar naquele texto, com que disposição entra no jogo comunicativo. Em função das respostas que imagina para essas questões é que o autor decide (em geral, não conscientemente) sobre o que e como vai escrever, selecionando suas opções no intuito de melhor concretizar seus objetivos e produzir no leitor os efeitos desejados.” (VAL, 2009 – p.94 – grifos meus)

Então como Jésus não conseguia sozinho desenvolver, em seus textos, a interlocução à distância, referida acima por Val, foi necessário oferecer-lhe um atendimento individualizado para que o aluno pudesse LER/REFLETIR/REESCREVER seus textos.

Logo, é importante ressaltar que Jésus só conseguiu perceber os ‘nós’ das suas produções, quando ele começou a analisar e reescrever seus textos, sendo **mediado pela orientação individual.**

Como podemos ver, através dos textos de Jésus, muitas eram as inadequações de seus textos, ficando até mesmo inviável ‘pontuá-las’ na folha da produção, pois seriam tantas marcas que corria o risco do aluno não entendê-las.

A este respeito, do que e como avaliar na produção de texto do aluno, é importante ressaltar que o professor-leitor não deve avaliar e cobrar muitos e diferentes aspectos relacionados à produção de textos ao mesmo tempo. O aconselhável é que se determine juntamente com o aluno-autor o que será avaliado, quais os critérios avaliativos, bem como, qual será o gênero e o tipo de texto que será cobrado.

Fiad nos alerta em relação à importância da seleção e delimitação ‘do que’ (qual aspecto lingüístico) será trabalhado na reescrita, vejamos:

É parte fundamental dessa preparação (trabalho com a reescrita) a seleção. Pelo professor, dos aspectos lingüísticos que serão trabalhados, em cada aula de reescrita, ou seja, o professor seleciona, dentre vários, os aspectos relevantes, a partir da leitura dos textos dos alunos. Não é interessante

propor a reescrita que incluía vários problemas simultaneamente. (FIAD, 2006 – p.53)

Assim sendo, resolvi trabalhar com Jésus primeiramente a questão da organização e apresentação física de suas produções. Apesar de ter consciência de que tal aspecto não é o mais importante, busquei iniciar por ele a fim de possibilitar ao aluno assimilar o quanto sua falta de organização (lado físico e apresentação de idéias) estava lhe atrapalhando.

Era importante que Jésus visse e sentisse o quanto era desestimulante ler suas produções, devido todas as inadequações acima pontuadas, a começar pela 'primeira impressão negativa' - a visual - ou seja, a apresentação física dos textos: letra má traçada e embolada; o uso inadequado do espaçamento ao escrever (entre linhas e palavras; falta de parágrafos e alinhamentos nas margens); rasuras e rabiscos na folha da produção

Como o aluno tinha desejo e intenção de melhorar seus textos (e até uso do caderno) no aspecto da apresentação e adequação física o trabalho que realizamos juntos foi fácil. Em pouco tempo, dois meses, mais ou menos, Jésus já completara cerca de oitenta por cento das adequações necessárias.

Ao comparar seus textos e cadernos antigos e atuais, em relação à organização, o próprio aluno hoje afirma que realmente as inadequações trabalhadas e corrigidas eram um problema na sua vida escolar.

A partir desta constatação de Jésus, tentei possibilitar-lhe entender que também as inadequações do conteúdo de seus textos precisavam ser revistas.

Assim sendo, fomos pensar “o que” e “por quê” o conteúdo de seus textos não estavam adequados. A princípio, o aluno não conseguia analisar e explicitar tais problemas.

Então, nos momentos de atendimento individualizado, eu pedia ao aluno para, em voz alta, ler para mim determinado texto produzido por ele. Às vezes, Jésus percebia certas inadequações e quando o mesmo não percebia, apresentava-lhe

então vários questionamentos em relação ao texto para auxiliá-lo no processo da percepção.

Quando perguntava ao aluno como colocaria determinada idéia, ele apresentava-me umas frases soltas e aí eu ia perguntando quem era determinada pessoa, por exemplo, que ele estava citando; e questionava-lhe como o leitor ia saber determinado fato ocorrido em sua história se ele não o mencionou. Jésus falava de determinadas coisas nos textos como se o leitor já soubesse de informações e detalhes importantes e necessários para a construção de sentido. Outras vezes, ele não dava um final, ou então misturava as idéias de forma que sua produção ficava incompreensível.

Cada pergunta que fazia para Jésus ao reestruturarmos seu texto, na verdade tinha como objetivo mostrar-lhe que eu, enquanto leitora, não sabia do que ele estava falando no seu texto, e que o leitor não tem a obrigação de saber tudo que o autor sabe ou quer que ele saiba. Na verdade eu estava falando e fazendo com ele o que VAL nos aponta quando diz:

*“Assim como a coerência, a coesão e as próprias relações sintáticas, ao contrário do que geralmente se pensa, também não são inerentes ao texto, mas se constroem na interação, de acordo com o processamento mental feito pelos interlocutores.
(VAL, 2009 – p. 107, 108 – grifo meu)*

Contudo, lendo e analisando os textos de Jésus, no decorrer do tempo constatamos sua paulatina, porém constante, evolução no que se refere à capacidade de produzir “bons textos”¹².

Vale ressaltar que o progresso deste aluno só foi possível graças à PRÁTICA DA REESCRITA e também ao ATENDIMENTO INDIVIDUALIZADO em alguns momentos.

¹² “**Bom texto**”- aqui entendido como um texto **legível, compreensível**, escrito de acordo com **gênero e tipo** de texto trabalhado e solicitado. Bom texto é aquele que **agrada e seduz** o leitor, não necessariamente por seu conteúdo, mas por sua adequação no que se refere à **coerência** (sentido), **coesão** (interligação das idéias) e **criatividade**

Pois, apesar de sempre fazer anotações nos textos de Jésus para ele averiguar o que não estava adequado e corrigir-se, nada adiantou até que fiz umas três reescritas orientadas individualmente com ele. Daí para frente seus textos tem se apresentado de maneira satisfatória já na primeira versão dos mesmos, ou seja, antes de eu avaliá-los e devolvê-los para corrigi-los e reescrevê-los.

Jésus tem buscado sempre fazer um pequeno rascunho esboçando suas idéias antes de escrever e de dar seu texto como pronto a ser avaliado. Ele aprendeu a se auto-avaliar e quando considera que a estrutura física (apresentação) e o conteúdo não está bom ele mesmo corrige, me pede opinião, antes de entregar-me o texto.

Resumindo, podemos dizer que Jésus faz a reescrita antes e às vezes após, entregar-me o texto solicitado, isto porque na verdade o aluno assimilou que “escrever é reescrever” e que a reescrita não tem necessariamente um fim, como bem nos coloca Fiad:

Certamente, um texto que pode parecer já terminado e definitivo, ainda merece ser reescrito. Isso, além de ensinar às crianças novas possibilidades gramaticais e estilísticas, ensina que o exercício da escrita pode ser agradável e interminável.
(FIAD, 2006 p. 51)

6.4. Algumas maneiras de trabalhar a reescrita com os alunos

6.4.1. Análises e “Reescrita Coletiva” de um determinado texto

Consiste em xerocar para todos os alunos da turma o texto de um colega da turma que será analisado e reescrito. A partir daí a turma apontará (com lápis de cor, por exemplo) os ‘erros’, ou melhor, as inadequações do texto em questão; a professora e os alunos podem inclusive listá-las no caderno, antes de reescrever o texto.

O texto abaixo tem algumas marcações feitas para facilitar a correção de algumas inadequações do mesmo. Ele foi assim xerocado e distribuído para a turma a fim de fazermos as devidas correções ao reescrevê-lo.

Texto a reescrever

Professora Carla

Então de manhã eu acordei
e vi uma coisa interessante no
jornal. Era uma grupe e nome
dela é grupe suina que mau
começou a dar se espalhou/uma grupe
começou no México da ta no
canadá e nos estados unidos
e pessoas de lá, estão internadas
de uma grupe chega em lá
nemé andar fora da moda
masseira no resto é que chato né
decei concorda comigo não é?

27/04/09

Concordo com você!
Professora
Carla

Texto reescrito

Professora Carla

Então de manhã eu acordei e vi
uma coisa interessante no jornal. Era uma grupe
e nome dela é grupe suina que mau come
çou a se espalhar.

Uma grupe começou no México e se espalhou
no Canadá e nos Estados Unidos.

Pessoas de lá estão internadas. Se uma
grupe chega em lá, nemé andar fora da moda.
Masseira no resto é que chato né? concorda
comigo não é?

27/04/09

A professora direciona e executa a reescrita, no quadro, a partir das avaliações e sugestões mais adequadas dadas pela turma. Fiad reafirma a importância desta prática metodológica:

Um bom caminho para a discussão dos problemas, acreditamos, é a análise de outros textos infantis. A partir desses textos, a proposta é que a reescrita seja encaminhada em aula (...) mostrando alternativas para as escritas já realizadas pelas crianças. (FIAD, 2006 p.41

Após a aluna-autora reescrever seu texto original, é notável a diferença entre as duas versões no que se refere à apresentação física e as adequações ortográficas. Vale ressaltar que o texto desta aluna não apresentava problemas em relação à coerência e à coesão, ou seja, seu texto já se apresentava com sentido completo e as idéias bem colocadas e interligadas.

6.4.2. ‘Auto-Correção’ seguida de “Reescrita Independente”

O texto da aluna apresentado no item 4.1 deste é exemplo de um texto com inadequações mais simples e de fácil correção, logo a própria aluna-autora é capaz de executar as devidas correções indicadas e a reescrita do texto, pois já tem maturidade e autonomia para realizar tal tarefa.

Ao utilizar esta forma de reescrita, a professora fica liberada em relação aos alunos mais independentes para então auxiliar os alunos mais dependentes, porém se o educando que faz a reescrita independente necessitar de algum esclarecimento e ajuda, poderá pedir à professora.

6.4.3. Análise e Reescrita orientadas Individualmente

Os casos da aluna Cristina e do aluno Pedro são exemplos e dados riquíssimos no que se refere a idéia de que

6.4.4. Reescrita orientada e facilitada por perguntas que evidenciam inadequações do texto

A atividade abaixo exemplifica esta maneira de trabalhar a reescrita com os alunos. Através da qual, eles poderão avaliar o texto do colega e reescrevê-lo adequadamente.

Neste exemplo a aluna Ingrid ofereceu o coraçãozinho escrito para sua professora a fim de dizer-lhe que gostava muito dela, porém como a aluna colocou os nomes em lugares contrários, seu texto propriamente dito, deu a entender que foi a professora quem o enviou para Ingrid.

Vale ressaltar que a expressão *“Te amo muito, do tamanho do universo!”*, é um toque de celular, não mexemos com a mesma. Apenas a estrutura correta de um bilhete e função e intenção do mesmo foram alvo das discussões e adequações da reescrita realizada com os alunos.

E.M.P.C.B. Português

_ / _ / _

O bilheteinho acima foi entregue ao seu **destinatário** ontem. Observe-o e complete:

a) Para quem ele foi enviado (destinatário)? _____

b) Como você descobriu? _____

c) Quem enviou o bilhete? _____

d) Afirmar que foi a Ingrid quem o enviou, é certo ou errado? Por quê?

e) Qual era o assunto (mensagem) do bilhete? _____

f) Em um toque de celular, uma criança (pela voz, bem pequena) fala a mensagem como está escrita no bilhete acima. Qual seria a forma mais elaborada de escrevermos esta mesma frase? **Ah, foi a Ingrid que enviou o bilhete para a profª. Carla.** Reescreva o bilhete, fazendo as mudanças necessárias. (CADERNO)

g) Quais foram os erros que Ingrid cometeu ao escrever o bilhete p/ a Carla?

h) Escreva um bilheteinho carinhoso (elogio, boa sorte, boa semana...) para o colega que você sorteou o nome. Lembre-se das partes de um bilhete. Combinado? AMO VOCÊ!

Como podemos ver, a maneira de trabalhar a reescrita dependerá do tipo de inadequações do texto (só ortográfica, espaçamento, coerência e coesão, ou pontuação) e do tipo de aluno envolvido (mais ou menos autônomo para perceber e corrigir o que não está de acordo no seu texto).

6.5. O papel da reescrita na vida dos educandos a médio e a longo prazo

A médio prazo, podemos dizer que a reescrita contribui com os educandos, pois ela possibilita:

- Praticar o hábito da reflexão sobre o que e como se escreve diferentes tipos e gêneros textuais;
- Criar, nos alunos, o hábito de relacionar e averiguar itens importantes ao se produzir um texto: orientações/critérios/avaliação/correção e reescrita;
- Formar alunos/autores com desenvoltura, criatividade, ousadia para produzir “bons textos”.

Em relação ao desenvolvimento da criatividade e ousadia, gostaria de exemplificar com a produção de um texto da aluna Débora, feito em homenagem às professoras.

A partir do texto, a aluna transformou-o em uma música, ou seja, ela mesma criou uma melodia, com o ritmo próprio, como ela queria. O instrutor da sala de informática da nossa escola fez um acompanhamento instrumental, através do computador que deu toda uma valorização e incentivo à criatividade e ousadia da aluna, que ficou muito feliz e realizada.

Vejamos a seguir a letra da música:

“PROFESSORA”

(Composição: Débora Souza – Esc. Mun. “Prof. Cláudio Brandão”, sala 1 – tarde)

Professora, professora

Que sempre me ensinou.

Desde quando era pequena

Agradeço muito a ela.

Mas pra ela me ensinar

Estudou muito pra chegar até aqui.

Ela passou pela a escola, pelo colégio

E pela faculdade e depois se formou.

Professora, professora,

Agradeço muito

a você!

A longo prazo, podemos dizer que a reescrita muito influencia a vida dos educandos, pois ela possibilita:

- Formar alunos que aprendam a gostar de produzir textos, sem medo;
- Formar alunos/autores que aprendem e fazem uso da reescrita enquanto parte fundamental da produção de textos;
- Formar alunos com criatividade e ousadia para escrever “bons textos” que agradam e prendam a atenção e o interesse dos leitores e/ou ouvintes;

- Formar pessoas mais confiantes e seguras para produzir textos em geral como foi o caso da aluna Cristina apresentado neste trabalho.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi dito no início deste trabalho - “**bom texto**”- aqui foi entendido como um texto legível, compreensível, escrito de acordo com gênero e tipo de texto trabalhado e solicitado. É ainda aquele texto que agrada e seduz o leitor, não necessariamente por seu assunto, mas por sua adequação no que se refere à coerência (sentido), coesão (interligação das idéias) e criatividade.

E os exemplos e análises, aqui presentes, nos permite afirmar que aprender a produzir ‘bons textos’ (letramento) implica em ter alguém para ensiná-los e requer ainda que o educando experimente situações ‘reais’ de produção (uso da língua).

Geralmente, um aluno não tem nenhum estimo para produzir um texto que será engavetado, ou que servirá apenas para a professora verificar se ele aprendeu certas regras gramáticas; porém se o aluno souber que seu texto circulará por um determinado meio de comunicação, com determinadas funções e apreciações; seu interesse será outro, tanto no ato de produzir texto como no ato de ‘melhorar’ a qualidade do mesmo e é aí então que a reescrita entra como recurso metodológico imprescindível.

Assim sendo, podemos dizer que se o texto tiver uma função social real (para que escrever); um leitor real (para quem), um assunto e um tipo/gênero de texto bem trabalhado previamente (o que e como), o aluno é capaz de produzir um bom texto.

Constatamos também que até aqueles alunos considerados com ‘problema de aprendizagem’ - como foi o caso da Cristina - é capaz de produzir um ‘bom texto’; se for bem orientado, antes, durante e após a produção inicial.

Assim sendo, a reescrita tem um forte e determinante papel no que se refere ao desenvolvimento da capacidade dos alunos de produzir bons textos. Entendemos

então porque a reescrita aqui é defendida como um recurso metodológico a ser praticado como parte das aulas de produção de texto; e também porque é defendida como elemento intrínseco ao letramento (uso da língua).

Porém, vale ressaltar que a reescrita aqui defendida não é uma reescrita aleatória, mas sim um momento de reflexão, onde o aluno verificará o que foi ensinado, solicitado e combinado a ser avaliado na produção; a fim de perceber e corrigir as ‘inadequações’ de seu texto.

Outro ponto relevante do trabalho que merece destaque é o caso do aluno Jésus que nos possibilita a desmistificação da idéia de que apenas alunos considerados ‘alunos com dificuldade de aprendizagem’ precisam receber atendimento individualizado.

Isto porque como foi pontuado, Jésus é um dos alunos da turma que tira as melhores notas/conceitos em provas em geral, e, no entanto no quesito - produção de texto – suas dificuldades e inadequações textuais se iguaram às da aluna Cristina, que é uma criança que só conseguiu ser alfabetizada no terceiro ano de escolaridade.

Tal fato nos deixa claro que a mediação do ‘professor-leitor’ nos textos dos ‘alunos-autores’ será diferenciada, ou seja, será de acordo com o perfil de aluno e do texto a ser reescrito, pois existem diferentes maneiras de se trabalhar a reescrita.

Muitas são as reflexões possíveis em relação aos dados e aspectos contidos nos textos dos alunos aqui demonstrados, porém o que dá prazer mesmo ao findar este trabalho é ver a evolução dos alunos em relação à capacidade dos mesmos em produzir textos cada vez melhores; ver também que o trabalho com a reescrita gera frutos a longo prazo na vida dos educandos no que se refere à capacidade de : criação do hábito de reflexão; uso de rascunhos para planejamentos; desenvolvimento da criatividade, gosto pelo ato de produzir bons textos, dentre outras capacidades, como é o caso da aluna Débora que compôs a letra e a melodia da música “A professora”.

8. REFERÊNCIA

Alfabetizar Letrando: uma proposta para intervenção junto a alunos de 2º e 3º ciclos com defasagem em leitura e escrita. (Módulos: I, II e III). Prefeitura de Belo Horizonte (Prefeito Fernando Pimentel).

Avaliação do Texto Escolar: Professor-leitor/Aluno-autor. Maria da Graça Costa Val [et. al], - Ed. Ver. E ampl. – Belo Horizonte: Autêntica Editora / Ceale, 2009. – (Coleção Alfabetização e Letramento na Sala de Aula)

CAVÉQUIA, Márcia Paganini – Trecho retirado da “Assessoria Pedagógica”, pág. 16 do livro didático - **“A Escola é Nossa” – Português: 1ª série.** Márcia Paganini Cavéquia ; ilustrações Beto, Simone Bellusci Cavalcante, Tânia Machado. – São Paulo: Scipione, 2001.

CLAVER, Ronald. **Escrever sem doer: oficina de redação** / Ronald Claver. – 2. Ed. Revista e ampliada – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. (Coleção Aprender).

CONDE, Narriman. **O papel do rascunho: resgatando as emendas e rasuras criativas do texto.** Texto da autora ainda se encontrava em processo de finalização podendo ser enviado [para Centro de Referência Virtual do Professor | 31 3226 6772 \(Telefax\) / 3225 3279 - crv@educacao.mg.gov.br.](mailto:crv@educacao.mg.gov.br)

Escola e Escrita. Revista nº1 – julho de 1999. Publicação do Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação – CAPE/SMED e da Coordenação de Política Pedagógica – CPP. **Prefeitura de Belo Horizonte** (Prefeito: Célio de Castro).

FIAD, Raquel Salek. **Escrever é reescrever: caderno do professor** / Raquel Salek Fiad. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2006. 62p. – (Coleção Alfabetização e Letramento).

GERALDI, João WAanderley. **Aprender e ensinar com textos** / coordenadora geral Lígia Chiappini. – São Paulo: Cortez, 1997. Conteúdo: (V. 1 Aprender e ensinar com textos de alunos / coordenadores do volume João Wanderlei Geraldi, Beatriz Citelli – V. 2 Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos / coordenadoras do volume Helena Nagamine Brandão, Guaraciaba Micheletti – V. 3. Aprender e ensinar com textos não escolares / coordenador do volume Adilson Odair Citelli.

KAUFMAN, Ana Maria. **Escola, leitura e produção de textos** / Ana Maria Kaufman e Maria Elena Rodriguez; Trad. Inajara Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1995.

MARUNY CURTO, Luís. **Escrever e ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler** / Luís Maruny Curto, Maribel Ministrál Morillo e Manuel Miralles Teixidó; trad. Ernani Rosa. – Porto Alegre: Artemed Editora, 2000.

Os Caminhos para Ensinar a Língua Escrita. **Revista educação: Guia da Alfabetização; nº1**. São Paulo: Editora Segmento - 2010.

Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. – ed. – Brasília: A Secretaria, 2001. 144p.

PEREIRA, Lusia Ribeiro. **“Fazer pesquisa é um problema?”** / Luisa Ribeiro Pereira, Martha Lourenço Vieira – Belo Horizonte: Editora. 1999. 37p.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: caderno do professor** / Magda Becker Soares; Antônio Augusto Gomes Batista. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. 64p. – (Coleção Alfabetização e Letramento).

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros** / Magda Soares. – Belo Horizonte: Autêntica, 1998. 125p.

VAL, Maria da Graça Costa. **Avaliação do Texto Escolar: Professor-leitor/Aluno-autor** / Maria da Graça Costa Val [et. al], - Ed. Ver. E ampl. – Belo Horizonte: Autêntica Editora / Ceale, 2009. – (Coleção Alfabetização e Letramento na Sala de Aula).

VAL, Maria da Graça Costa. **Língua, texto e interação: caderno do professor** / Maria da graça Costa Val; Martha Lourenço Vieira. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. 46 p.- (Coleção Alfabetização e Letramento).

VIEIRA, Martha Lourenço. **Produção de textos escritos: caderno do professor** / Martha Lourenço; Maria da Graça Costa Val – Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG,2005. 52p. – (Coleção Alfabetização e Letramento).